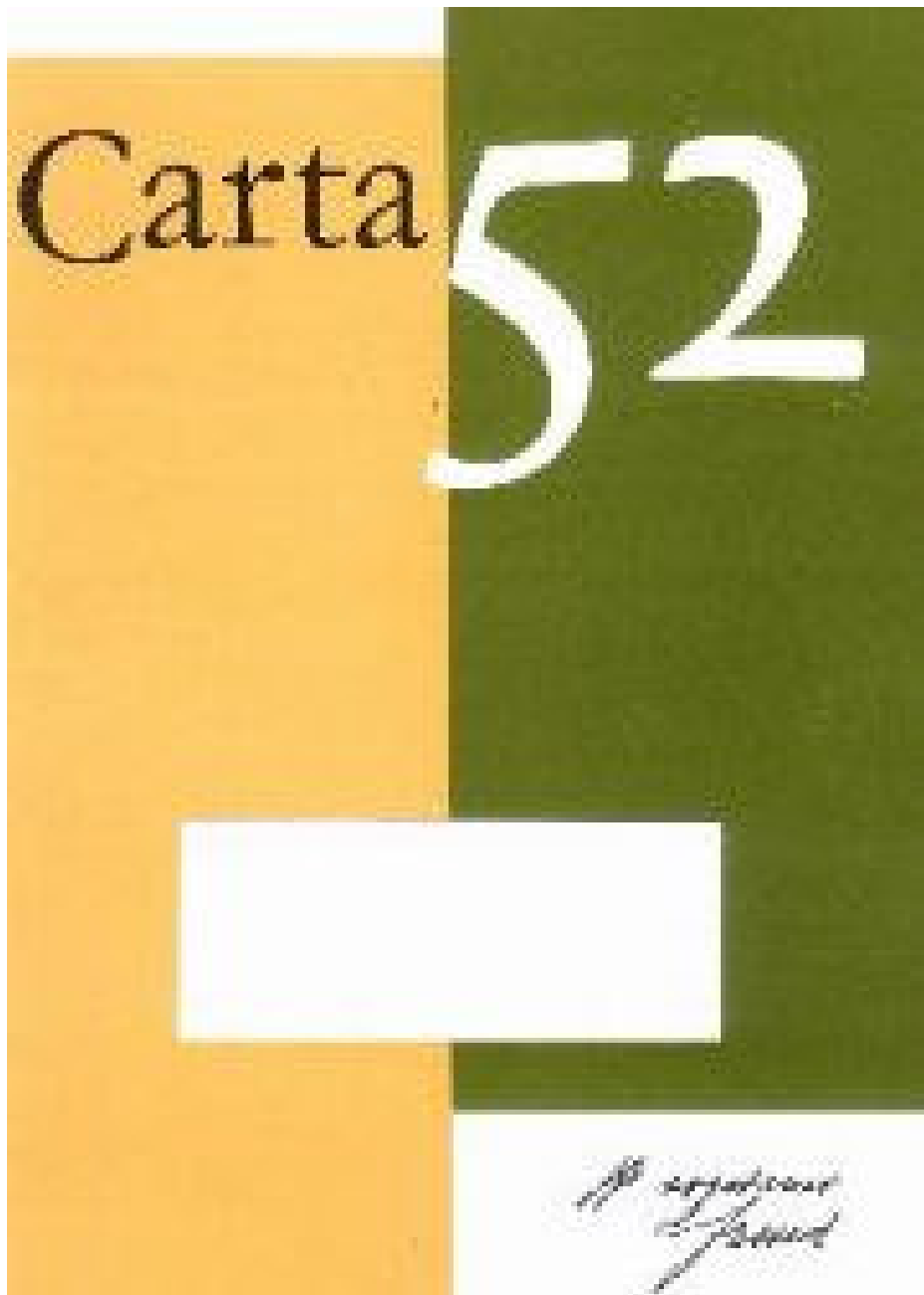


**Cadernos da Sociedade Psicanalítica da Paraíba**



**Nº 15, Agosto de 2008.**

## APRESENTAÇÃO

### DIRETORIA DA SPP - BIÊNIO 2007/2009

- Neuma Barros – Presidente
- Mercês Muribeca – Vice-Presidente e  
**Coordenadora da Comissão Científica**
- Vera Esther Ireland – Secretária e  
**Coordenadora da Comissão de Formação**
- Givaldo Medeiros – Tesoureiro
- Marluce Castor – Comissão Científica
- Iara Lianza – Comissão Científica
- Lúcia Benevides – Comissão de Formação
- Regina Almeida – Comissão de Formação

### MEMBROS DA SPP

#### Analistas

Luis Maia - 3224-2504  
 Henriqueta Melo - 3224-2504  
 Ivone Vita - 3225-6070  
 Dalva Alencar - (84)3222-7534  
 Neuma Barros - 3225-6070  
 Vera Esther Ireland - 9136-0704  
 Mercês Muribeca - 3042-4782  
 Givaldo Medeiros - 3243-8071  
 Héliida Magalhães - 3224-2504  
 Iracema Luna - 9372-9926  
 M<sup>a</sup> Elizabete Freitas - (84)3222-7534  
 Lúcia Benevides - 3225-8070  
 Iara Santana - 3224-2504  
 Verônica Behar - 3226-5053  
 José Romero Ouriques - 3222-0042  
 Marluce Castor - 3225-2800  
 Sônia Furtado - 3224-2504

M<sup>a</sup> Cecília Coelho - (84)3222-2088  
 Eugênia Chaves - (84)3202-2088  
 Luiz Carlos Marques - 3244-5360  
 M<sup>a</sup> do Socorro Pizzetti - 3225-6070  
 Regina Almeida - (84)3202-2088  
 M<sup>a</sup> Lúcia Wanderley - 3225-6070  
 Sylvana Melo - 9314-4524  
 Katherinne Gonzaga - 3224+2504  
 Márcia Maria de Oliveira - (84)3206-7332  
 Mariza Porto - (84)3206-7540  
 Kátia Régis - 3224-2504  
 Germana Maroja - 3224-2504  
 Paula Germana Borba - 3225-6070  
 Teresa Crispim - 3225-6070  
 Úrsula Leite - 3225-6070  
 Terezinha Ferreira - 9922-0814  
 Nilton Mendes - (84)3221-6335

#### Sócios em formação

Givaldo Medeiros - 3243-8071  
 Héliida Magalhães - 3224-2504  
 Iracema Luna - 9372-9926  
 Mercês Muribeca - 3247-4616  
 M<sup>a</sup> Elizabete Freitas - (84)222-7534  
 Zélia Régis - 247-3994  
 Lúcia Benevides - 3225-8070  
 Verônica Behar - 3226-5053  
 Iara Santana - 3224-2504  
 Sônia Furtado - 3224-2504  
 José Romero Ouriques - 3222-0042  
 Marluce Castor - 3225-2800  
 Clara Honório - (61)368-6121  
 M<sup>a</sup> das Graças Sabino - (84)212-2919

Luiz Carlos Marques - 244-5360  
 M<sup>a</sup> do Socorro Pizzetti - 3225-6070  
 M<sup>a</sup> José Paes Felix - 3224-2504  
 M<sup>a</sup> Lúcia Wanderley - 3226-3187  
 Vera Esther Ireland - (61)368-8299  
 Katherinne Gonzaga - 3225-6070  
 Sylvana Melo - 3226-5053  
 Eugênia Chaves - (84)202-2088  
 Regina Almeida - (84)202-2088  
 M<sup>a</sup> Cecília Coelho - (84)222-2088  
 Mariza Porto - (84)201-4676  
 Shirley Gama - (84)208-2383  
 Márcia M<sup>a</sup> de Oliveira - (84)201-9250  
 Kátia Regis de Albuquerque - 8809-3050

## O recurso à filogênese em Freud<sup>1</sup>

Luís MAIA

### O pulsional e o traumático

Em sua primeira teoria etiológica da histeria, Freud propôs um modelo traumático. Quando caiu a hipótese da sedução perversa caiu, também, a necessidade do traumatismo. Em seu lugar, a sexualidade infantil, com uma origem essencialmente endógena. Configura-se o modelo pulsional.

No entanto, como Freud tinha previsto, sem uma etiologia traumática “o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência”<sup>2</sup> e o registro pulsional tende a ser assimilado ao instintivo e às inescapáveis leis da evolução.

Essa tensão intrínseca ao *pulsional* faz-se patente ao longo das sucessivas revisões dos *Três ensaios*. Se, por um lado, a sexualidade humana é caracterizada como perversa, fora dos parâmetros do instinto, por outro, engajada numa série supostamente evolutiva, ela tenderá a ser recuperada para a finalidade reprodutiva. Por mais “aberrantes”<sup>3</sup> que se manifestem nos adultos as formas de sexualidade infantil, sem uma etiologia traumática elas tendem a ser reconduzidas à rigorosa lógica da evolução, quer em sua forma normal, como preliminares à cópula, quer na patologia das regressões ou das fixações.

### O recurso à filogênese

Neste quadro, qual poderá ser o sentido do recurso à filogênese, tema destas *Journées*? Para Ilse Grubrich Simitis, ele visaria recuperar a etiologia traumática, perdida na “queda” da teoria da sedução<sup>4</sup>. Com efeito, se analisarmos a primeira grande incursão de Freud nesse território - *Totem e Tabu* - é como se a “força traumática”<sup>5</sup> das ameaças feitas a Hans, por exemplo, resignificadas pela descoberta do sexo de sua irmã, não bastasse para justificar a neurose do menino, no que ela tinha de exemplar. O drama edípico é projetado, então, à filogênese. A herança filogenética confere a necessária “força traumática” às ameaças, no contexto de um Édipo que articula a passagem da natureza à cultura e, conseqüentemente, a passagem do instinto à pulsão.

### O mito da castração pelo pai

No entanto, antes do recurso à filogênese, a tendência ao originário já se tinha manifestado na forma “da linhagem psicológica da concepção genética, segundo a qual tudo o que é consciente foi de início inconsciente”<sup>6</sup>. Numa concepção em que o inconsciente é o recalcado, o sonho, por exemplo, é uma formação de compromisso entre o desejo e a defesa, o desejo manifestando-se na realização alucinatória, a defesa, na deformação onírica que constitui a maior parte do trabalho do sonho. Mas se, ao contrário, o inconsciente é originário, então o sonho, enquanto manifestação desse inconsciente, é uma linguagem arcaica, simbólica, à espera de seu Champollion. Freud nunca excluiu nenhuma dessas possibilidades e sempre manteve que o sonho é uma formação de compromisso<sup>7</sup>. Mas há que reconhecer que as duas possibilidades são dificilmente compatíveis.

Com a generalização da concepção genética ao sintoma, pelo recurso à filogênese, o próprio caráter enigmático dessa linguagem tende a desaparecer. O temor de castração de Hans faz eco ao temor de castração de seus antepassados e não há mais nada a traduzir. A compulsão de repetição é apenas a manifestação da teoria da recapitulação, segundo a qual a ontogênese repete a filogênese<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Este argumento – *Le recours à la phylogénèse chez Freud* -, apresentado nas *Journées Internationales Jean Laplanche*, Lanzarote, de 24 a 26 de julho de 2008, foi gestado, ao longo de uma série de encontros com Fernando de Andrade, Henriqueta Melo e Héliida Magalhães, aos quais agradeço pelas críticas e sugestões.

<sup>2</sup> Sigmund FREUD, “Carta de 21 de setembro de 1897” in *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*, Rio. Imago, 1986, p.266.

<sup>3</sup> “As aberrações sexuais” é o título de capítulo I dos *Três ensaios*.

<sup>4</sup> Ilse Grubrich SIMITIS, “Trauma oder Trieb – Trieb und Trauma : Wiederbetrachtet”, *Psyche* 61-2007, 637-656 – Résumé et présentation des éléments principaux par Hélène TESSIER.

<sup>5</sup> Sigmund FREUD, “A etiologia da histeria” in *ESB*, III, p.220.

<sup>6</sup> Hélène TESSIER, “Le retour de l’héréditaire en psychanalyse : dimension axiologique des choix épistémologiques”, argumento apresentado nas *Journées Internationales Jean Laplanche* de 2008

<sup>7</sup> O que sugere que a estrutura básica da *Traumdeutung* é anterior à “queda” da teoria da sedução.

<sup>8</sup> Cf. Stephen Jay GOULD, “Freud’s Phylogenetic Fantasy”, *Natural History* 12/87

Num trabalho em que analiso o caso, retomo o questionamento de Laplanche à interpretação do temor de castração em termos de reedição de um medo arcaico. Partindo da constatação de que Freud, em sua análise, enfocou exclusivamente a diferença de sexos e esqueceu a diferença entre os adultos e a criança, levanto a hipótese de que "ao concluir que a mãe deve ter 'um faz-pipi como um cavalo' Hans se previne contra a possibilidade (...) de que a mãe possa desejar um pênis e, assim, submetê-lo à humilhação de desprezar seu pequeno faz-pipi"<sup>9</sup>. "Aceitar a existência da vagina e do desejo materno seria reconhecer a inferioridade de seu atributo fálico, comparado ao do pai. Transformar a inferioridade em interdição (da lei do pai) é preservar-se narcisicamente da rejeição humilhante (pela mãe)."<sup>10</sup>

Freud não hesitará em caracterizar como de natureza narcísica o temor de castração. Sua dificuldade consistirá em reconhecer o que esse temor escondia, qual a verdadeira ameaça. Essa dificuldade revela-se, com particular nitidez, na projeção do drama edipiano sobre a horda primitiva. Trata-se aí, simplesmente, do conflito entre os desejos do pai e os dos filhos varões, desejos dos homens pelas mulheres, nunca dos desejos das mulheres. Meros objetos, estas só assumem seu desejo quando se trata de salvar algum filho mais novo da fúria castradora do pai.

Considerando-se que os castrados não gerariam descendência, seriam os mais novos que transmitiriam à posteridade a fantasia originária e o temor de uma castração que seus irmãos mais velhos teriam sofrido. Ironicamente, teria sido o desejo das mães, o silencioso desejo das mães, que teria permitido a transmissão do mito de um pai castrador. Mito que esconde a ameaça de uma outra "castração", não mais da ordem do mito: a ameaça que pode representar, para a criança, a ausência ou a voracidade do desejo materno; para os homens, a ausência ou a voracidade do desejo da mulher; e, afinal, para crianças e adultos, homens e mulheres, o desinteresse ou o desdém do outro. Uma série que começando por uma ameaça à vida, logo se transforma em humilhação narcísica.

### **O retorno do trauma**

Antes que a guerra trouxesse de volta as neuroses traumáticas, com seus enigmáticos sonhos, a transferência já fora categorizada como "compulsão de repetição" sem que, no entanto, a questão fosse objeto de uma análise metapsicológica. Essa análise, realizada basicamente em *Além do princípio de prazer*, passará ao largo de uma revisão da teoria da sedução.

Se a compulsão de repetição é apenas a manifestação da teoria da recapitulação, trata-se, então, de interpretar o sentido dessa teoria. Em vez de ver, na suposta repetição da filogênese pela ontogênese, a repetição das bem sucedidas estratégias que levaram à evolução das formas de vida, Freud detecta aí uma tendência regressiva.

Se, em *Totem e Tabu*, o drama edipiano serviu-lhe para explicar a passagem da natureza à cultura, em *Além do princípio de prazer* ele pretende surpreender um drama na origem da vida, manifesto no desejo de retorno à paz do inorgânico. Significativamente, duas passagens decisivas, em torno das quais reina a obscuridade.

### **A compulsão de repetição nos sonhos das neuroses traumáticas**

Na sua primeira tentativa de analisar a compulsão de repetição, Freud examina os enigmáticos sonhos das neuroses traumáticas, nos quais o sonhador revive a situação traumatizante.

Se os sonhos de angústia puderam ser interpretados em termos de uma insuficiente elaboração do desejo proibido, o que poderia haver de desejável em reviver a situação traumática, como acontece nestes sonhos? Ao transportarem o paciente para a situação traumática, ao repetirem-na compulsivamente, estes sonhos mostram uma ausência de elaboração onírica. Há a realização alucinatória de um desejo, mas não de um desejo proibido. Repetir, aqui, visa dominar: o sonho está a serviço de um desejo egóico, de um desejo narcísico.

Por que narcísico e não de auto-conservação? Um ferimento físico concomitante previne a formação da neurose, quer dizer, quando a auto-conservação está ameaçada, quando há traumatismo físico, não há traumatismo psíquico. Se um ferimento físico ou uma doença grave ameaça a vida, o eu não se sente narcisicamente responsável pela cura. Pode-se apelar para a compaixão divina, esperar a competência da medicina, entregar-se ao destino, mas sempre se desvinculando da responsabilidade pelo funcionamento de um corpo que obedece às leis da natureza e não às do desejo narcísico. Neste caso, o narcisismo é apenas "o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação"<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Luís MAIA, "A castração, entre a teoria sexual infantil e a teoria psicanalítica", *Estudos de psicanálise*, Nº 25, Dezembro/2002, p.63.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p.59.

<sup>11</sup> Sigmund FREUD, "À guisa de introdução ao narcisismo" in *OPSF*, 1, p.97

Freud coloca em evidência, na etiologia destas neuroses, o fator surpresa. O Eu não estaria preparado e, por isso, o traumatismo. Mas, por exemplo, na situação de estar longo tempo sob a ameaça de um seqüestrador, o fator surpresa é irrelevante: o decisivo é a impotência do Eu. Quer a condição traumática se deva ao fator surpresa e à não preparação do Eu, quer à magnitude ou à persistência de uma ameaça, o decisivo é, portanto, o sentimento de impotência do Eu. Estes sonhos revelam que essa impotência foi ressignificada *só-depois*<sup>12</sup>, em termos de humilhação narcísica. A compulsão de repetição corresponde a uma *pulsão de apoderamento*<sup>13</sup> visando superar essa humilhação. Tal como os histéricos, os traumatizados também “sofrem de reminiscências”.

### A compulsão de repetição na brincadeira da criança

Na sua análise da compulsão de repetição, expressa na brincadeira do *fort-da*, Freud divide-se entre duas interpretações:

1ª. “Ela estava passiva, foi atingida pela vivência, e eis que se engaja em um papel ativo repetindo-a como brincadeira, apesar de ter sido desprazerosa. Esse engajamento poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento que se autonomizou e independe de a recordação ter sido prazerosa ou não”<sup>14</sup>

2ª. “Atirar o objeto para que ele desapareça poderia ser a satisfação de um impulso de vingança dirigido contra a mãe e reprimido ao longo da vida, por esta ter deixado a criança, e teria então o significado de um desafio: ‘É, vá embora, eu não preciso de você, eu mesmo te mando embora’”<sup>15</sup>

Nada impede que os dois motivos – “pulsão de apoderamento” e “vingança contra a mãe” - se articulem. Na tentativa “de processar psiquicamente” a experiência angustiante da partida da mãe, de “poder assenhorar-se totalmente dessa vivência”, a criança repete-a ativamente para se apoderar dela e isto «relacionava-se com uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu efetuar (...) por permitir a partida da mãe sem manifestar oposição»<sup>16</sup>.

Que melhor vingança do que essa de passar a desejar o que antes temia! A emoção da vingança aliando-se à pulsão de apoderamento, a serviço da renúncia pulsional. Não se explicaria, assim, “o paradoxo do masoquismo”<sup>17</sup>, o enigmático prazer da dor e da humilhação como prazer (erotizado) de dominar a dor, de suportar a humilhação?

Como se fora ele próprio dominado pela pulsão que pretende introduzir, Freud mantém separado o que poderia ser articulado<sup>18</sup>. Reconhecendo que o garoto «só poderia estar repetindo uma vivência desagradável na forma de brincadeira porque um ganho de prazer de outra ordem, porém imediato, se vincula a essa repetição»<sup>19</sup>, Freud abandona a análise das brincadeiras da criança. “Elas de nada servem para os nossos propósitos, pois pressupõem a existência e o domínio do princípio de prazer, e nós estamos justamente em busca da ação de tendências que estariam além do princípio de prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer.»<sup>20</sup>

Que elas seriam «mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer» é um pressuposto freudiano que não encontra outra justificativa, a não ser o desejo de situar o originário cada vez mais longe, para além da infância, para além do aparecimento da cultura, na própria origem da vida.

Reencontra-se, aqui, o tema destas *Journées*: no horizonte da filogênese, o que pode representar este apelo à origem da vida? A mônada narcísica e auto-suficiente do narcisismo originário, transformada em “vesícula

<sup>12</sup> *Nachträglichkeit*.

<sup>13</sup> *Bemächtigungstrieb*, “pulsão de apoderamento” ou “pulsão de domínio”, cf. NT 23 in Sigmund FREUD, “Além do princípio de prazer” in *OPSF*, 2, p.185

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p.142

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p.142.

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p.142

<sup>17</sup> Jean LAPLANCHE, *Vida e morte em psicanálise*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, pp.106-109.

<sup>18</sup> Na seqüência da hipótese da vingança contra a mãe, ele acrescenta: “A mesma criança que observei com um ano e meio em sua primeira brincadeira, tinha o costume, um ano mais tarde, de atirar ao chão um brinquedo que a irritava, dizendo: “Vá pra gue(rr)al!” Haviam-lhe contado, na época, que seu pai ausente se encontrava na guerra e, longe de sentir sua falta, a criança manifestava da maneira mais evidente que não queria ser perturbada em sua posse exclusiva da mãe.” (p.142).

De repente, a perspicaz interpretação da brincadeira em termos de elaboração da perda transformou-se numa acachapante interpretação edipiana, de um Édipo que desconhece a nostalgia do pai e a ambivalência de sentimentos. “A grande aquisição cultural de renúncia à satisfação pulsional” era confirmada... pelo desejo de “não ser perturbada em sua posse exclusiva da mãe!” A irritação contra o brinquedo não repetia a irritação contra o pai ausente posto que ele não sentia sua falta! Ao contrário, era o pai que se prestava para representar o brinquedo.

Esta concepção de um Édipo sem ambivalência, de um Édipo para quem a ausência do pai fosse apenas desejada e de modo algum sofrida, parece característica dos filhos da horda primitiva, antes que o assassinato do pai provocasse a culpa.

<sup>19</sup> Sigmund FREUD, “Além do princípio de prazer” in *OPSF*, 2, p.143.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p.143

indiferenciada de substância excitável<sup>21</sup>, que “flutua em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade”<sup>22</sup> ressentido o estímulo do outro como uma invasão traumática, como um doloroso rompimento do “escudo protetor” que urge recompor. Uma tendência que se faz evidente na interpretação freudiana da destrutividade.

### **A destrutividade**

Se em *Além do princípio de prazer* a pulsão de morte manifesta-se em termos de compulsão de repetição, no devir da obra ela tenderá cada vez mais a manifestar-se como destrutividade, pretendendo-se a comprovação da tese hobbesiana de que “o homem é o lobo do homem”.

Em *Hans*, no entanto, quando examinou a questão, Freud postulou que a agressividade é funcionalmente dependente dos dois grandes grupos pulsionais: auto-conservação e sexualidade. (Em vez de agressividade, poder-se-ia dizer *apoderamento*, uma vez que a agressividade não é a única forma de *apoderamento* e é este que realmente importa). Sendo, pois, a agressividade (ou o *apoderamento*) funcionalmente dependente, não se prestaria para assumir uma polaridade pulsional.

O argumento é pertinente quando se trata de instintos nos animais. No ser humano, porém, o que era funcionalmente dependente pode tornar-se autônomo, o que era meio, tornar-se fim, fenômeno que, com Laplanche, nos habituamos a caracterizar como perversão da função.

A *pulsão de poderamento* não se limita, no caso da violência, à compulsão de repetição. Para além da necessidade narcísica de se apoderar, ela tornou-se prazer de se apoderar, prazer de infligir dor e humilhação, eventualmente, prazer de matar. Se a compulsão de repetição se refere a situações de impotência revividas só-depois como humilhação narcísica, aqui, no caso da destrutividade, a humilhação narcísica implicando num outro, essa alteridade precisa ser violentamente negada.

Como Laplanche tem repetidamente afirmado, os crimes sexuais não se devem à virulência de um instinto do animal no homem, mas, em última análise, à necessidade de negar a alteridade do outro. O inconsciente, o demoníaco, não é elementar mas o resultado de um processo conforme à teoria da sedução. O segundo tempo, tempo da resignificação do traumatismo, é sempre marcado pela humilhação narcísica.

### **A polaridade pulsional do narcisismo**

Desde a introdução do narcisismo, Freud tem dificuldade para definir a polaridade pulsional de que trata a psicanálise. No início, era o *Eu* que se opunha a um *recalcado* de natureza *sexual*. Com a introdução do narcisismo, de 1910 a 1914, Freud é levado a explicitar a polaridade em termos pulsionais: *pulsões de auto-conservação ou do Eu* por oposição às *pulsões sexuais*. A polaridade assim designada, que “se apóia primordialmente na biologia”<sup>23</sup>, coincide com a categorização dos *instintos* entre *conservação do indivíduo* e *conservação da espécie*.

Ora, se o “sexual”<sup>24</sup> não visa à reprodução, tampouco o *Eu* coincide com o indivíduo biológico. Se, por vezes, parecem coincidir os desejos de um e os interesses do outro, a necessidade de introduzir o narcisismo deve-se à necessidade de diferenciá-lo da auto-conservação. Ao condensar, numa mesma polaridade, a auto-conservação do indivíduo biológico e a auto-conservação do *Eu*, de natureza narcísica, Freud pressupõe uma continuidade no que é de natureza diferente. Pois se a auto-conservação do indivíduo biológico é da ordem de uma “predisposição hereditária”, o narcisismo, em sua origem, é um dom do outro, do “comovente amor parental, no fundo, tão infantil”<sup>25</sup>.

Esta origem, porém, que Laplanche enfatiza, Freud nunca a explicitará. Se a escolha de objeto narcísica, em Freud, enquanto dom do outro, começa por se conjugar na voz passiva, o narcisismo originário tenderá a ser o da mônada auto-suficiente e fechada ao mundo. “O comovente amor parental (...) não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais”<sup>26</sup> e não a fonte do narcisismo originário da criança.

Ora, o fato de que “uma unidade comparável ao *Eu* não esteja presente, no indivíduo, desde o início” não significa que não exista, desde o início, desde antes do nascimento, um investimento narcísico na criança por parte dos pais; se “o *Eu* precisa antes ser desenvolvido”<sup>27</sup>, isso começa muito cedo, por exemplo, «a

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p.150

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p.151

<sup>23</sup> Sigmund FREUD, « À guisa de introdução ao narcisismo” in *OPSF*, 1, p.10.

<sup>24</sup> Jean LAPLANCHE, *Sexual – la sexualité élargie au sens freudien*, Paris, PUF, 2007.

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p.110..

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p.110.

<sup>27</sup> Idem, ibidem, p.99.

partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros»<sup>28</sup>. A coagulação da forma do Eu na imagem especular é o resultado de um processo. Por isso, essa descoberta é recebida com júbilo pela criança, como se afinal ela encontrasse o que procurava, num processo semelhante ao do encontro do objeto. Há, poder-se-ia dizer, um narcisismo antes do Narciso. E, aliás, no mito, antes que se descubra na imagem, Narciso é objeto do investimento das ninfas. Antes de se amar - forma reflexa - ele foi amado - voz passiva.

### **Recapitulando**

O recurso à filogênese, em Freud, visaria recuperar a etiologia traumática perdida com "queda" da teoria da sedução. Sem essa etiologia, a pulsão tende a ser assimilada ao instinto e à lógica da evolução e o registro do narcisismo tende a ser confundido com o da auto-conservação.

Se, em *Totem e Tabu*, o que é projetado à filogênese é o temor de castração, no contexto de um Édipo que articula a passagem da natureza à cultura, com a pulsão de morte, em *Além do princípio de prazer*, o que é projetado à aurora da vida é a invasão traumática, pelo outro, da mônada auto-suficiente que caracterizaria o narcisismo originário.

O recurso à filogênese resulta, em última análise, da dificuldade de situar os pólos do conflito psíquico entre a sexualidade erótica e a sexualidade narcísica e, portanto, da dificuldade de reconhecer a prioridade do outro

O temor de castração, em Hans, não é a reedição de um temor arcaico, mas uma formação de compromisso que visa evitar a humilhação narcísica.

A compulsão de repetição, na qual Freud fundamenta a sua hipótese da *pulsão de morte*, está, na verdade, a serviço de uma *pulsão de apoderamento*. Em vez da dependência funcional que caracteriza o apoderamento próprio do vital, a pulsão narcísica de apoderamento constituiu uma finalidade autônoma.

A compulsão de repetição aparece *só-depois*, no segundo tempo do traumatismo - conforme o esquema da teoria da sedução - quando a impotência, sendo atribuída ao Eu, é ressignificada como humilhação narcísica.

### **Conclusão**

Este breve percurso pela teoria freudiana concorre para demonstrar a validade da *teoria da sedução generalizada*. Ela integra os dois modelos - o traumático e o pulsional - no esquema da sedução em dois tempos, sem necessidade do recurso à filogênese.

Ao ressaltar-se a ação, no segundo tempo do traumatismo, da pulsão narcísica de apoderamento, generaliza-se o esquema da sedução a todos os traumatismos psíquicos. O primeiro tempo poderá ou não ser de natureza sexual; o segundo tempo, porém, será sempre narcísico, quer dizer, se todo o pulsional tem uma origem traumática, todo o traumático tende a tornar-se pulsional.

---

<sup>28</sup> Sigmund FREUD, «Pulsão e destinos da pulsão», in *OPSF*, 1, p.155.



Como o nome sugere, Livre Associação é um lugar de ensaiar idéias, dar notícias, falar de um livro, de um filme, de uma música, qualquer coisa que chame a nossa atenção e dê vontade de compartilhar. Começamos com um comentário do nosso colega Henry Krutzen, de Natal, com suas impressões sobre um filme que permite vários olhares. Este é um dos mais reveladores dos enigmas e desejos capturados pela câmera instigante de Cameron Crowe. Convocamos todos os nossos leitores a elaborar conosco esta Livre Associação.

## **NORMAS EDITORIAIS**

- 1.** A CARTA 52, organizada sob a forma de cadernos, é de responsabilidade da Comissão Científica da SPP, a qual tem também, poderes de Comissão Editorial.
- 2.** A CARTA 52 é, prioritariamente, um instrumento de publicação da produção dos membros da SPP. Mas pode incluir autores convidados e autores que se candidatem a publicação, respeitadas as normas editoriais. As matérias são aceitas sob a forma de artigo, ensaio, comunicação, relato de pesquisa ou de experiência, resenhas, notícias, impressões de leituras, entrevistas e documentos de interesse público na área da Psicanálise.
- 3.** Há tantos CADERNOS quantas sejam as matérias a serem publicadas. As edições são numeradas na seqüência.
- 4.** A critério da Comissão Científica, as matérias podem ser publicadas sob a forma impressa e/ou sob a forma eletrônica, em site próprio da SPP e/ou em CD.
- 5.** Todas as matérias são submetidas à Comissão Científica para análise de mérito e de forma. À Comissão cabe o direito de propor, aos autores, modificações que contribuam para a aprovação da matéria para publicação. Caso a matéria seja recusada, a Comissão informa ao(s) autor(es) as razões de mérito e/ou forma que resultam na não-publicação da mesma.
- 6.** A publicação impressa pode ser feita pelos meios disponíveis à SPP, inclusive a reprodução xerográfica. Cada matéria deve ter como referência as normas da ABNT; ser enviada em disquete, acompanhada de três cópias impressas em papel A4; digitadas em processador de texto Microsoft Word, com a seguinte formatação: Cabeçalho com título, nome completo do(s) autor(es); configuração de página: margem esquerda 3,0 cm, direita 2,0 cm, superior e inferior 2,5 cm; espaço 1,5; fonte Times New Roman, 12pt. Os disquetes e originais impressos não serão devolvidos.
- 7.** O conteúdo das matérias publicadas na CARTA 52 é de inteira responsabilidade dos autores. A critério desses, podem ser divulgados suas titulações, endereços, instituição a que pertencem, telefones, home-page e correio eletrônico.
- 8.** À exceção de despesa eventualmente necessária com revisão vernacular, que correrá por conta do autor, os custos da publicação ficarão a cargo da SPP e a ela reverterá a renda auferida pela venda. Cada autor terá direito a 3 exemplares.

**Site da SPP:** [www.sppb.com.br](http://www.sppb.com.br)

**Email:** [sppb@uol.com.br](mailto:sppb@uol.com.br)

**Funcionária:** Andréa Pires

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA - Sergio Gomes da Silva**

**VERSÃO ON-LINE – Sergio Gomes da Silva - EMAIL: [sergiogsilva@uol.com.br](mailto:sergiogsilva@uol.com.br)**